

## INCLUSÃO E HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA

José Guilherme de Oliveira Freitas (UFRJ/LaPEADE)<sup>1</sup>

Angela Maria Venturini (ISERJ e UFRJ/LaPEADE)<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar o conceito de homossexualidade na escola, a partir de um dos módulos de um curso de extensão, promovido pelo LaPEADE/UFRJ, intitulado Inclusão em Educação: Gênero e Homossexualidade em Discussão, cujo público-alvo era o professor em exercício na Educação Básica. O foco principal do curso era propor-lhes uma reflexão sobre sua rotina em sala de aula, visando o trato da homossexualidade na escola, no contexto da inclusão, através de cinco módulos: Inclusão e Gênero; Gênero, Orientação Sexual e Educação; Ética e poder nas relações escolares; Adolescência, Sexualidade e Identidade Sexual; e Homofobia. Este artigo versa sobre o primeiro módulo e sobre o filme Bruno (2000), o primeiro dos cinco filmes longa-metragem apresentados como disparadores das discussões nos grupos focais. Pensamos que a importância/relevância deste curso foi sugerir aos professores a possibilidade de adicionarem ao seu cotidiano, conhecimentos e práticas extras, no tocante à diversidade sexual em geral, e a homossexualidade, em particular. Debater o tema em grupos focais, e obter um retrato do pensamento destes docentes que se dispuseram a tratar desta temática tabu, cumpriu um dos objetivos específicos do curso de extensão, que era proporcionar aos docentes uma formação continuada, a fim de aprofundar o conhecimento sobre o assunto em questão. Enfim, buscamos contribuir para que a escola seja composta de sujeitos dotados de espírito crítico para se posicionarem, com harmonia, em um mundo de diferenças e de infinitas variações. Pessoas que possam refletir sobre o acesso de todos à cidadania e compreender que, dentro dos valores da ética e dos direitos humanos, as diferenças devem ser respeitadas e promovidas e não utilizadas como critérios de exclusão social.

**Palavras-chave:** inclusão em educação, homossexualidade, direitos humanos.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação – UFRJ, pós-doutoramento em Educação-UFRJ, pesquisador do LaPEADE - Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação – UFRJ e Coordenador do Grupo de Estudos sobre Sexualidades, Identidades, Diversidades e Inclusão – GESEI/LaPEADE.

<sup>2</sup> Mestrado em Psicologia Social. e Personalidade pela FGV/RJ. Professora do Ensino Superior do ISERJ/Pesquisadora do LaPEADE-UFRJ (Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação) e Participante do Grupo de Estudos sobre Sexualidades, Identidades, Diversidades e Inclusão – GESEI/LaPEADE.

## INCLUSÃO E HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA

José Guilherme de Oliveira Freitas (UFRJ/LaPEADE)<sup>3</sup>

Angela Maria Venturini (ISERJ e UFRJ/LaPEADE)<sup>4</sup>

### Introduzindo nossa discussão...

“O que mais custa a um homem saber, de maneira clara, é a sua própria vida, tal como está feita por tradição e rotina dos atos inconscientes. Para vencer a tradição e a rotina, o melhor procedimento prático não se encontra nas ideias e conhecimentos exteriores e distantes, mas no questionamento da tradição por aqueles que se conformam com ela, no questionamento da rotina em que vivem.”(FREIRE apud um amigo de Peguy, p.35)

Estas palavras, encontradas no livro *Conscientização: Teoria e prática da libertação* – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire, p.35, foram dirigidas a educadores em contato direto com os camponeses. A mensagem sugere aos professores uma alteração na prática pedagógica aplicada aos trabalhadores do campo. Para que estes mudassem suas vidas, precisavam saber mais do que os segredos da terra e dos sindicatos. Precisavam refletir sobre a prática rotineira de atos inconscientes: arar, plantar, colher...

Acreditamos que os professores, especialmente os da Educação Básica, também precisam refletir sobre seus atos automáticos, mas nem sempre inconscientes, oriundos de sua imersão em uma sociedade heteronormativa, em que apenas a orientação sexual heterossexual é valorizada e considerada normal.

Diante deste cenário, o Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação LaPEADE/UFRJ, promoveu um curso de extensão intitulado *Inclusão em Educação: Gênero e Homossexualidade em Discussão* tendo o professor em exercício como público-alvo, a fim de propor-lhes uma reflexão sobre sua rotina em sala de aula, focando o trato da homossexualidade na escola. Isto porque,

---

<sup>3</sup> Doutor em Educação – UFRJ, pós-doutoramento em Educação-UFRJ, pesquisador do LaPEADE - Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação – UFRJ e Coordenador do Grupo de Estudos sobre Sexualidades, Identidades, Diversidades e Inclusão – GESEI/LaPEADE.

<sup>4</sup> Mestrado em Psicologia Social. e Personalidade pela FGV/RJ. Professora do Ensino Superior do ISERJ/Pesquisadora do LaPEADE-UFRJ (Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação) e Participante do Grupo de Estudos sobre Sexualidades, Identidades, Diversidades e Inclusão – GESEI/LaPEADE.

pensamos na importância e relevância de sugerir que os professores agreguem ao seu cotidiano, conhecimentos e práticas extras, que não façam parte de suas vidas, quando o assunto for diversidade sexual em geral, e a homossexualidade, em particular.

A fim de propiciar a prática desses exercícios reflexivos sobre o tema, o professor deve/pode contar com apoio através dos cursos de formação continuada oferecidos por instituições ligadas aos movimentos LGBT com a parceria do Ministério da Educação. Este curso de extensão, com a chancela da UFRJ e do LaPEADE, possibilitou-nos uma experiência marcante no sentido de aprimoramento profissional e acadêmico.

Nossa proposta foi reunir um determinado número de professores para que pudessemos debater o presente assunto através de grupos focais, e obter um retrato do pensamento destes docentes que se dispuseram a tratar deste tema tabu.

A fim de esclarecimentos sobre o curso como todo, este teve por objetivo central esclarecer e discutir o contexto em que a questão da homossexualidade se insere no cotidiano escolar através dos professores que se propuseram a participar dele.

Essa proposta se fundamentou no pressuposto da tese de doutorado do primeiro autor (FREITAS, 2010), de que os professores, de um modo geral, não são formados para lidar com alunos homossexuais ou que exibam comportamentos ou quaisquer indícios que são associados à homossexualidade, em geral reagem de forma preconceituosa com relação a estes alunos, excluindo-os, seja através do silenciar diante do fato, seja causando constrangimento a eles.

Este curso priorizou as questões da homossexualidade no contexto da inclusão, destacando-se os problemas relativos aos alunos que demonstram tendências/comportamentos homossexuais, já que em idade escolar o que se percebe não é a orientação sexual definida, mas comportamentos e tendências associados à homossexualidade. Vale dizer que tais comportamentos não necessariamente significam a homossexualidade propriamente dita, mas atraem todos os preconceitos e homofobia que conhecemos, influenciando suas relações com os demais grupos sociais no âmbito da escola.

Se levarmos em conta que a dimensão do desenvolvimento de uma *cultura* de inclusão tem um papel de destaque na construção das relações de gênero, e que ela possibilita a desconstrução de estereótipos que podem se transformar em preconceitos há que se ter uma preocupação com que estes sejam questionados e combatidos. Haverá

a necessidade de se mostrar que as relações de gênero são construídas culturalmente e podem ser questionadas, modificadas e transformadas.

Para este alcance, este curso foi organizado em cinco módulos: Módulo 1: Inclusão e Gênero, em que foi apresentada a concepção de inclusão sobre a qual nossas preocupações se fundamentam; Módulo 2: Gênero, Orientação Sexual e Educação foram abordados os conceitos de gênero, perpassando pelas definições de identidades e papel de gênero, buscando um entrelaçamento destas questões pelo viés da homossexualidade; Módulo 3: Ética e poder nas relações escolares, deu destaque aos valores éticos de respeito ao outro e aos direitos humanos com vistas à diversidade sexual; Módulo 4: Adolescência, Sexualidade e Identidade Sexual, permitiu que fossem abordados assuntos como a construção da identidade homossexual e os direitos das crianças e adolescentes em relação à homossexualidade, e por fim, o Módulo 5, Homofobia: preconceito aberto e velado, apresentou o tema homofobia no contexto escolar, dando destaque às formas de violência, preconceito e exclusão social.

Após esta apresentação passamos para o objetivo deste artigo que é apresentar o primeiro módulo do referido curso de extensão. Este versará sobre o que foi oferecido como teoria e sobre o material e filme utilizados como disparadores das discussões, que eram a tônica do curso.

### **Homossexualidade e escola: questão de inclusão**

Inicialmente, tecemos considerações sobre a relação existente entre a dialética inclusão/exclusão e o tema diversidade sexual na escola com foco na homossexualidade; destacamos que a inclusão é um processo, que vem sendo construído ao longo do tempo, variando conforme suas implicações e demandas, e não um estado; que não existe um estado de inclusão final e permanente ao qual possamos um dia sonhar em chegar, pois toda inclusão é sempre temporária e precisa ser revista, continuamente, para evitar que os processos e mecanismos de exclusão social retornem ou apareçam.

Demos ênfase ao fato de não propormos somente lutar pela visibilidade e reconhecimento dos estudantes com orientação sexual homossexual na escola para fins de aquisição de regalias ou privilégio, e sim para marcar uma questão de direitos humanos, que cada um tem o direito de ser o que é, como é, sem que para isso precise

perder sua dignidade, e que a dignidade é direito inalienável da condição humana, assim como a educação e outros bens sociais também o são.

Informamos que a Inclusão em Educação que defendemos no LaPEADE é a que se constitui em um processo sem fim, em uma luta, que respeita as individualidades e as diferenças culturais, sociais e individuais, devendo garantir a aprendizagem dos saberes necessários aos alunos para viver em sociedade, formando-os para a vida além da escola.

Neste sentido, sentimos a necessidade de enfatizar a inclusão como um processo, que reitera princípios democráticos de participação social plena, retornando à concepção de Santos (2009), ao dizer que a inclusão não vislumbra somente um ponto final e definitivo na inserção de grupos excluídos em espaços sociais dos quais são privados e ao enfatizar que, principalmente, nos contextos educacionais,

[...] em se tratando do atendimento às necessidades de TODO e QUALQUER educando, as atitudes de uma escola cuja orientação seja inclusiva enfatizam uma postura não só dos educadores, mas de toda a comunidade educacional e de todo o sistema educacional. Uma escola com orientação inclusiva é aquela que se preocupa com a modificação da estrutura, do funcionamento e da resposta educativa que se deve dar a todas as diferenças individuais, em QUALQUER instituição de ensino, de QUALQUER nível educacional. (p. 14).

Sendo assim, o tempo todo, destacávamos aos professores que a Inclusão é um processo sem fim, tendo em vista que a escola sempre esteve à mercê de desafios diferenciados, como por exemplo, propiciar uma educação básica de qualidade aos alunos, respeitando as diferenças culturais, sociais e individuais, garantindo a aprendizagem dos saberes necessários para viver em sociedade, formando-os para a vida além da escola.

Entendemos que, ao mesmo tempo em que esta ideia de inclusão, como um processo, alimente a colocação supra, de que as práticas sociais não são desprovidas de intencionalidade, ou seja, não são neutras, somos forçados a reconhecer que Inclusão em Educação, seja como construção teórica, seja como prática social corre o risco de ser, perversamente, apropriada, tanto por ser teoria e discurso em construção quanto por consolidar-se em prática social que, ao fortalecer certos grupos em detrimento de outros, pode produzir uma falsa inclusão.

Daí a importância do constante questionamento, da constante problematização daquilo mesmo que pareça ser um “caso resolvido de exclusão”. Nas palavras de Santos, Fonseca e Melo (2009),

[...] o processo de inclusão se refere a quaisquer lutas, nos diferentes campos sociais, contra a exclusão de pessoas: tanto as que se percebem com facilidade como aquelas mais sutis. Refere-se ainda, num nível mais preventivo, a todo e qualquer esforço para se evitar que grupos e sujeitos em risco de serem excluídos de dados contextos, por qualquer motivo que seja, acabem sendo excluídos de fato. (p.12).

Explicamos que a dialética da inclusão/exclusão também deve/pode ser compreendida como um fenômeno resultante do processo das desigualdades culturais, sociais e econômicas que estão presentes no sistema escolar, uma vez que “a dialética inclusão/exclusão gesta subjetividades que vão desde o sentir-se incluído até o sentir-se discriminado ou revoltado” (SAWAIA, 2006, p.9). Esta afirmativa é de uma peculiaridade que muito nos interessa, pois a compreendemos no sentido de que é preciso reconhecer os componentes subjetivos da exclusão.

Em outras palavras, processos de exclusão e, conseqüentemente, a necessidade de luta pela inclusão devem/podem ser constituídos independentemente da presença da *intenção* de exclusão. Se o sujeito *sentir-se* excluído, está instaurada a exclusão, mesmo que nada tenha sido feito, intencionalmente, para que tal acontecesse.

Segundo Santos e Paulino (2006), a educação é a principal ferramenta para a transformação social verdadeira que se espera em combate às desigualdades sociais e ao desrespeito às diferenças presentes em nosso dia-a-dia, em que a escola é, sem dúvida, um dos locais que reflete e reproduz estas formas de discriminação. Para estes autores “a escola, está envolvida por uma lógica que determina a exclusão de alguns grupos para o beneficiamento de outros, em detrimento dos valores igualitários expressos em diversas declarações mundiais, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos”. (p.11). Ratificam esse pensar no seguinte fragmento:

A educação inclusiva tem importância fundamental, pois busca, por princípio básico, a minimização de todo e qualquer tipo de exclusão em arenas educacionais e, com isso, elevar ao máximo o nível de participação, coletiva e individual, de seus integrantes. Baseados nestes ideais democráticos, as propostas inclusivas são revolucionárias, pois almejam, incondicionalmente, uma estrutura social menos hierarquizada e excludente, tendo como base o argumento de que todos têm o mesmo valor, pelo simples fato de serem humanos. Porém, uma sociedade sem exclusões é, para nós, apenas um vislumbre. Inclusão e exclusão são conceitos intrinsecamente ligados, e um não pode existir sem o outro porque inclusão é, em última instância, a luta contra exclusões. Analisando desta forma podemos então afirmar que sempre existirá a luta por uma educação inclusiva. Se exclusões sempre existirão, a inclusão nunca poderá ser encarada como um fim em si mesmo. Inclusão é sempre um processo. (p.11).

Em comunhão com o pensamento dos autores acima, Sawaia (2006) afirma que “em lugar da exclusão, o que se tem é a dialética exclusão/inclusão” (p.8), pois ela determina a potencialização do conceito de estar incluído ou excluído no sistema em que se vive. Essa dialética pode ser justificada “porque a sociedade exclui para incluir e essa transmutação é condição da ordem social desigual o que implica no caráter ilusório da inclusão” (p.8).

### **A túnica do conhecimento como metáfora e produção de sentidos: analisando o filme “Bruno”**

Para continuarmos a discussão sobre o tema proposto apresentamos o Filme Bruno<sup>5</sup>.

Este filme foi utilizado como motivação para a discussão entre os professores (as) que compunham o grupo focal no primeiro dia do curso de extensão. Esta se deu em torno de perguntas abertas sobre o filme em questão, sempre tentando destacar e fazer pontes com o objetivo do curso e o tema do dia, em que os professores participantes falavam de suas experiências, impressões, além de concordâncias e discordâncias. A fim de situar o leitor, fizemos um breve resumo do filme, que agora apresentamos.

O filme Bruno conta a história de um menino que vive com a mãe, que é estilista. Ele gosta de usar os vestidos que a mãe faz, e tem como hábito dormir de camisola, e ela consente. O pai, que é policial, desaprova, totalmente, essa atitude e obriga o menino a participar dos treinos de futebol americano promovidos em um clube para filhos de policiais. O menino é um fiasco nos jogos, para indignação do pai, que serve de chacota entre os amigos.

Bruno estuda em uma escola católica, sofre com as ações de ‘bullying’ provocadas por vários colegas e é sempre considerado culpado pela madre superiora, que diz que ele não se comporta como deveria.

Este personagem tem um sonho que o persegue; neste, ele usa vestes celestiais, e este fato lhe dá poder. Embora goste de se vestir como menina, Bruno não é afeminado,

---

<sup>5</sup> Informações Técnicas: Título no Brasil: Bruno; Título Original: Bruno; País de Origem: EUA; Gênero: Comédia; Tempo de Duração: 103 minutos; Ano de Lançamento: 2000; Direção: Shirley MacLaine.

não se intimida com as críticas, pois acha que está fazendo o que é certo, ou seja, usando as roupas que lhe proporcionam segurança.

Além do foco em Bruno, no filme são mostradas situações de constrangimento e exclusão, como por exemplo, a mãe do personagem principal é obesa mórbida e é discriminada por isso. O filme sugere que ela foi deixada pelo marido após engravidar desenfreadamente. O pai também sofreu pressões quando era criança por parte da mãe (avó de Bruno), que não aceitava seu interesse (do pai) por música clássica.

Bruno é relegado pelo pai por não atender às expectativas de masculinidade, porém encontra na mãe e na avó paterna o amparo necessário para que consiga superar as adversidades. O pai, após repensar suas atitudes com relação ao filho, se arrepende e o apoia.

Este menino tem como hábito ler dicionários e participa de um concurso de soletrar palavras, consegue vencer todas as etapas e é consagrado campeão. Estes fatos dão a Bruno notoriedade e até a mãe superiora, que o discriminava, passou a apoiá-lo, pois ele conferia prestígio à escola em que estudava.

As perguntas que dispararam a troca de ideias davam enfoque ao discurso e aos símbolos religiosos, aos aspectos em que a escola legitima a violência e a exclusão, as relações entre professores, pais e alunos, além dos valores humanos que podem ser reconhecidos e socializados para se ter uma sociedade mais solidária e menos violenta.

A primeira pergunta dava ênfase ao discurso e aos símbolos religiosos no filme e às possíveis correlações com a escola. Os professores ressaltaram que a nossa sociedade está vinculada à crença judaico-cristã e por isso ainda vivemos preocupados com os dogmas existentes oriundos da Igreja Católica e que a ideia de pecado e de céu e inferno ainda estão presentes na maioria das pessoas. Os comentários foram os seguintes:

- *Mas o problema não é o que a escola reproduz, o problema é o que sai da escola, é a violência que a escola produz.*
- *Mas a gente tem que parar de achar que a escola só reproduz o que está fora. Ela reproduz violência também. Ela reproduz porque ela não é uma ilha. Ela também tem suas formas de violência que não são necessariamente ligadas. É da gente mesmo.*
- *Nós fazemos parte de uma sociedade que é preconceituosa, violenta e racista. Mas o que a gente tem que colocar é como o professor se coloca em frente a essa violência. Qual meu papel de educador frente a essa violência?*

Nestas falas, destacamos o fragmento “*Nossa sociedade ainda é uma sociedade machista, sexista, preconceituosa*”, que caracteriza a cultura em que estamos inseridos; no sentido da política pessoal, a interrogativa “*Qual meu papel de educador frente a*

*essa violência?” e, em relação a nossa prática docente, “o problema é o que sai da escola, é a violência que a escola produz”.*

Em um segundo momento, o grupo foi chamado a refletir e expor em que aspectos a escola legitima a violência e a exclusão. Destacaram que o filme exagera o que encontramos em nosso cotidiano, e que as reproduções do machismo e dos diversos tipos de preconceito que geram exclusões estariam presentes também na escola, como os exemplos a seguir.

*- Uma coisa interessante. Você perguntou quando a escola legitima. Ela legitima quando é omissa, deixa um rapaz sofrer agressão, sofrer porrada e finge que é assim mesmo.*

*- Mas quando como eu, você trabalha numa escola que é laica, mas tem uma capelinha de Nossa Senhora, a escola se cala por hipocrisia. Na verdade a invisibilidade e o silêncio são um tipo de violência também. Então a escola reproduz a violência com o silêncio, é a violência profunda do silêncio que a gente vê, mas não fala. Omissão é um tipo de violência também, se você prestar a atenção na hora do recreio e fizer um escaneamento você vai identificar esses garotos, atrás das colunas, atrás das latas de lixo grandes que estão ali visibilizados, mas estão se escondendo de uma violência que ninguém comenta.*

*- Eu sou gay, né. E na escola é isso também. Se você não assume que você é gay, há comentários pelos corredores. É ou não é? A partir do momento que você assume que é gay você se torna o terror da escola, se você tá falando com um aluno acham que você pode estar sempre incentivando, que ele vai virar gay, etc. Eu tenho dois processos na secretaria de educação por conta disso...*

Neste trio de falas, destacamos os trechos *“Ela legitima quando é omissa, deixa um rapaz sofrer agressão, sofrer porrada e finge que é assim mesmo”, “a escola se cala por hipocrisia”, “A partir do momento que você assume que é gay você se torna o terror da escola”* por percebermos um entrelaçamento entre a Cultura e a Prática. *Cultura* no sentido de que estes fatos fazem parte do cotidiano de grande parte das escolas e pelo motivo da homossexualidade ainda ser vista por muitos, ou por alguns como degradante, nociva, e *Prática* pelo movimento destas ações.

Logo a seguir, ponderamos que além do foco em Bruno, no filme são mostradas situações de constrangimento e exclusão, com outros personagens como, por exemplo, a mãe de Bruno, que é obesa mórbida, é discriminada por isso, e parece ter sido este o principal motivo de sua separação do marido, o pai de Bruno. Este por sua vez, também foi vítima de preconceito pela própria mãe, que cerceava seu interesse por música clássica. Perguntamos ao grupo quais seriam as pessoas rotuladas e estereotipadas no filme. Os professores apontaram

*- A mãe.*

*- O pai tem o estereótipo do macho, o filme mostra que a mãe reprimiu e deu certo...*

*- A diretora da escola.*

*- A freira também faz o estereótipo, ela usa de falsidade. Na hora que ela quer fumar, ela esconde o retrato do papa.*

Surgiu também, na conversa/discussão entre os participantes, a questão de que o professor é um ser humano, falível e que por isso nem sempre toma as atitudes corretas. Porém, foram unânimes ao dizerem que precisam se esforçar para aprender a lidar com as diferenças, para que a escola seja um espaço de aceitação e respeito.

Voltando para o contexto do filme, perguntamos como podemos analisar as relações entre os professores, alunos e pais na escola. As considerações seguem abaixo:

*- Pensando no professor lá na ponta, lá no final de Santa Cruz, tô falando por que eu trabalho na Zona Oeste e ele (o professor) não tem um espaço prá discussão. Então chega o carnaval e se canta Maria Sapatão desde que o mundo é mundo, o professor foi criado ouvindo isso. A cabeleira do Zezé. É bicha, aquela gritaria. A gente tem que ser generoso com o professor, às vezes, pois muitas vezes ele tá reproduzindo o preconceito. Ele também tem que ser orientado. Ele também é vítima disso.*

*- A minha experiência como professora e como formadora de professoras é que a gente tá tendo alunos fundamentalistas e que não estão dispostos a mudar, pedem licença e saem da classe. Não assistem o que você propõe, não discutem.*

*- Um exemplo importante. Qual foi a única manifestação permitida na Avenida Paulista? a parada gay, e a marcha de Jesus para o Brasil cujo objetivo deles era ganhar em número a parada gay. Eles tentaram, nós vamos conseguir. A cidade não é dos gays é de Jesus nós somos de Jesus, não somos do demônio. Felizmente a mídia dá mais espaço para a parada gay.*

Sobre o desfecho do filme, quis saber a opinião deles quanto à aceitação social e paterna das atitudes do Bruno em função do seu sucesso. Como se daria uma situação similar em nossas escolas e na sociedade? Os fragmentos das falas foram as seguintes:

*- A Rogéria pode fazer tudo, né? Ela chegou num patamar que ela é dama, poderosa com seus cabelos loiros.*

*- Até aquele tio (gay) que paga curso de inglês, paga natação do sobrinho é aceito.*

*- Sim. É viado, mas tem dinheiro, é sapatão, mas tá rica, então compensa a vergonha a humilhação e o escárnio que a família sofreu em função da orientação sexual daquele filho ou daquela filha. E a gente ainda sofre discriminação com apoio estatístico. Todo cabeleireiro é gay? Não. Todo gay é cabeleireiro? não, mas pega 80% dos cabeleireiros são gays. Então a estatística reforça o preconceito. E tem o sentimento, a minha família não me aceita. Eu envergonho minha família como é que eu vou compensar? De alguma forma... sucesso pessoal, intelectual, financeiro, etc.*

*- O aluno que assume a homossexualidade dele, ele se destaca. Ele quer sempre ser o melhor aluno.*

## **Considerações finais...**

Pensamos que ao se discutir tais questões com os professores, buscamos contribuir para que a escola seja composta de sujeitos dotados de espírito crítico para se posicionarem com harmonia em um mundo de diferenças e de infinitas variações.

Pessoas que possam refletir sobre o acesso de todos à cidadania e compreender que, dentro dos valores da ética e dos direitos humanos, as diferenças devem ser respeitadas e promovidas e não utilizadas como critérios de exclusão social.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FREITAS, José Guilherme de Oliveira. **No quadro: o tema diversidade sexual na escola, com foco na homossexualidade. Nas carteiras escolares: os professores**. Rio de Janeiro, 2010. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MacLAINE, Shirley. **Bruno**. EUA: J&M Entertainment, 2000. DVD.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Nova Iorque, EUA: ONU, 1948. Artigo 16. Disponível em: <http://www.mj.gov.br/sedh>. Acesso em: abril de 2008.

SANTOS, Mônica Pereira dos. **Inclusão**. In: SANTOS, Mônica; FONSECA, Michele e MELO, Sandra. **Inclusão em Educação: diferentes interfaces**. Curitiba: CRV, 2009.

SANTOS, Mônica Pereira dos. **Educação Inclusiva: estaremos nus como o rei?** (mimeo, 2009).

SANTOS, Mônica Pereira dos & PAULINO, Marcos Moreira (orgs). **Inclusão em educação: Culturas, Políticas e Práticas**. 1.ed.São Paulo: Cortez, 2006.

SAWAIA, Bader (org.). **As artimanhas da exclusão**. Análise psicossocial e ética da desigualdade social, Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.